



O CORPO COMO TERRITÓRIO CULTURAL: EDUCAÇÃO QUILOMBOLA EM MOVIMENTO

PIRES, Graciele Oliveira Pires¹

Grupo de Trabalho (GT): GT 2 – Infâncias, Juventudes e Processos Educativos

RESUMO

Tradicionalmente, a educação tem privilegiado a razão em detrimento do corpo, instaurando uma dicotomia que silencia as experiências corporais no processo de aprendizagem. Neste contexto, este resumo resulta de uma pesquisa de mestrado em andamento, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, que investiga como os movimentos corporais vêm sendo vivenciados pelos estudantes do Ensino Fundamental II de uma escola quilombola, em Jequiê- Ba, e como têm potencializado as suas raízes culturais. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, ancorada no método etnográfico, com uso de narrativas, observação participante, diário de campo, entrevistas e registros fotográficos. Espera-se que os resultados deste estudo contribuam para práticas educativas que reconheçam, especialmente no contexto quilombola, o corpo como território onde se vive e se afirma uma cultura, promovendo um ambiente de aprendizado enriquecedor e integrado, onde corpo e mente caminhem juntos no processo educacional.

Palavras-chave: Corpo. Cultura quilombola. Educação.

INTRODUÇÃO

O corpo, em sua incessante dinâmica, não se reduz a um reflexo das circunstâncias externas, ele constitui-se como uma instância ativa de produção de sentidos, capaz de traduzir, ressignificar e registrar, nos entretempos da história e da experiência, as marcas que atravessam a existência. Fundamentamos esta reflexão na concepção de Beatriz Nascimento (2018), para quem elucida que “a história também está registrada nos nossos corpos, enquanto corpo físico oriundo de uma cadeia de outros corpos na natureza” (Nascimento, 2018, p. 267). Desse modo, reconhecer o corpo como dimensão fundante da existência humana implica admitir que ele é suporte e expressão dos processos históricos, sociais e culturais.

Neste estudo, voltamos o olhar para o contexto quilombola, onde os corpos tencionam normas escolares pautadas na razão, na contenção e na obediência. São corpos

¹ Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. E-mail:gracipirees@gmail.com





que expressam saberes ancestrais, nos quais a história se inscreve como “território movediço de inscrições, sulcos, dobras, becos e mapas” (Reis, 2022, p. 89).

Todavia, tais expressões corporais seguem sendo sistematicamente silenciadas nos espaços educativos formais, onde o corpo permanece subordinado às prerrogativas da cognição. Como assinala Ribera (2017, p. 262), “as mentes (ou, se quisermos, os cérebros) são o privilégio de toda pedagogia e, nessa arquitetura da educação, os corpos têm um papel subordinado ao intelecto”. Quando a escola não escuta esse corpo, também silencia os saberes e os mundos que nele se inscrevem.

Nesse cenário, é preciso interrogar: Qual o lugar do corpo no espaço educacional? Estaríamos contribuindo para a formação de corpos sensíveis, criativos e afirmativos, ou seguimos reforçando práticas que limitam, silenciam e restringem as expressões corporais? Que tipo de pedagogia temos construído: uma que reconhece a potência dos sujeitos em suas pluralidades culturais, ou uma que os conforma a padrões normativos que desconsideram suas existências concretas?

Tais indagações impõem o desafio de recentrar o corpo na reflexão pedagógica. Mais do que admitir sua presença nos espaços escolares, é necessário repensar a própria escola a partir dos corpos que nela habitam. Corroborando com essa concepção, Trasferetti aponta (2009) que a linguagem corporal é justamente o que pode romper com os modos hegemônicos de organização escolar e social, oferecendo outras possibilidades de expressão. Assim, destaca-se a importância de escutar corpos que, apesar de historicamente silenciados, resistem e afirmam seus modos próprios de existir por meio do seu movimento.

Frente a essas indagações, este resumo apoia-se em uma pesquisa de mestrado em andamento, intitulada Raízes culturais: Movimentos corporais de estudantes quilombolas do Ensino Fundamental II de uma escola quilombola da cidade de Jequié-BA, que fundamenta a reflexão aqui desenvolvida. O estudo tem como objetivo compreender, como os movimentos corporais vêm sendo vivenciados pelos estudantes do Ensino Fundamental II de uma escola quilombola, em Jequié- Ba, e como têm potencializado as suas raízes culturais.

Com base nessa perspectiva, pretende-se destacar a relevância de possibilidades pedagógicas que reconheçam e valorizem o corpo como dimensão fundamental do processo educativo, contribuindo para práticas que dialoguem de maneira efetiva com as





especificidades culturais desses estudantes quilombolas. Dessa forma, este estudo propõe-se a oferecer contribuições que ressaltam a importância de reconhecer o corpo como território de saber e cultura.

OBJETIVOS

Esta pesquisa em andamento, está vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), que busca contribuir para a compreensão da relação entre corpo, cultura quilombola e educação, destacando a relevância de práticas educativas nas escolas quilombolas que valorizem o movimento corporal como elemento estruturante do processo educativo e como meio de fortalecimento do pertencimento cultural dos estudantes.

O objetivo geral desta pesquisa constitui-se em compreender como os movimentos corporais vêm sendo vivenciados pelos estudantes do Ensino Fundamental II de uma escola quilombola, em Jequié- Ba, e como têm potencializado as suas raízes culturais. Como desdobramento do objetivo geral, traçamos os seguintes objetivos específicos: Discutir sobre a compreensão do corpo e movimento na escola quilombola, buscando estabelecer uma relação entre essa abordagem corporal e o processo educacional; identificar e descrever como o corpo e movimento dos estudantes do Ensino Fundamental II têm sido integrados às práticas educativas e culturais em uma escola quilombola e analisar qual o sentido do movimento do corpo para os estudantes do Ensino Fundamental II, realizadas nas práticas educativas e como essas práticas potencializam a cultura quilombola.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Ao longo da trajetória da educação ocidental, consolidou-se um paradigma dualista que separa corpo e mente, implicando na desvalorização sistemática da experiência corpórea no processo educacional. Como aponta Nóbrega (2005, p. 606), “desaprendemos a conviver com a realidade corpórea e a aprender partindo da reversibilidade dos sentidos, privilegiamos a razão sem corpo”, revelando uma ruptura epistemológica que deslegitima o corpo enquanto fonte fundamental de conhecimento e produção de sentido.





Essa perspectiva reducionista do corpo dialoga diretamente com o conceito de educação bancária, formulado por Paulo Freire (2017), que caracteriza um modelo pedagógico no qual os estudantes são tratados como receptores passivos de conteúdos. Ao excluir a corporeidade da experiência de aprendizagem, tal modelo reforça estruturas hierárquicas que negligenciam o diálogo, a escuta, comprometendo assim o desenvolvimento do pensamento crítico dos sujeitos no processo educativo.

Em contraposição a essa visão, autores como Nóbrega (2005), Trasferetti (2009), Le Breton (2010) e Ribera (2017) destacam o corpo como instância educativa, defendendo sua presença como parte indissociável da formação humana. Para esses pensadores, escutar o corpo e reconhecer suas expressões constitui uma forma legítima de produção de conhecimento que amplia a compreensão do papel da educação para além do cognitivismo.

Tal enfoque amplia o debate acerca da valorização dos saberes e experiências das populações quilombolas (Nascimento, 2018; Santos, 2015; Antonacci, 2013), ressaltando a imprescindibilidade de uma educação que reconheça as múltiplas dimensões do sujeito, com ênfase em sua corporeidade. O corpo, enquanto espaço primordial da existência que precede qualquer mediação conceitual (Le Breton, 2010), deve ser compreendido em sua integralidade e existência histórica, como sujeito que se constitui e se humaniza por meio das relações interdependentes com outros corpos e saberes.

No contexto quilombola, o corpo assume uma dimensão ontológica e política fundamental, inscrito por marcas ancestrais e trajetórias de resistência que tensionam os paradigmas hegemônicos dominantes (Antonacci, 2013). Frente a esse panorama, impõe-se o desafio epistemológico de compreender de que maneira essa corporeidade tem sido incorporada nas práticas educativas formais.

A esse respeito, Bahi de Souza (2025, p. 15) ressalta que “Se um quilombo é um espaço de resistência, um corpo negro também o é.” Essa assertiva reforça a compreensão do corpo do estudante quilombola como sujeito político-cultural que transcende sua materialidade, cuja presença no ambiente escolar desafia estruturas de poder e reivindica legitimidade, reconhecimento e pertencimento.

Reconhecer o corpo do estudante quilombola implica acolher uma história viva, marcada por memórias em constante movimento e por uma cultura permeada de tensões e resiliência. Isso demanda que as práticas pedagógicas criem espaços que legitimem a





expressão corporal dos estudantes, fortalecendo suas raízes culturais e ampliando suas possibilidades de afirmação.

Embora este estudo concentre-se no contexto educacional quilombola, é necessário destacar que a valorização do corpo ultrapassa esse âmbito particular. Todos os estudantes trazem em seus corpos marcas singulares de trajetórias, saberes e modos de existir, que exigem escuta e reconhecimento. Assim, torna-se imprescindível que as práticas educativas integrem o corpo como dimensão indissociável do sujeito, promovendo uma educação plural e comprometida com a emancipação.

PROCEDIMENTOS ÉTICOS E METODOLÓGICOS

Esta pesquisa de mestrado em andamento tem seu trabalho de campo sendo realizado atualmente em uma escola quilombola localizada na cidade de Jequié, Bahia, que atende estudantes do Ensino Fundamental I e II. A investigação é de natureza qualitativa, caracterizada pela imersão junto às pessoas, fatos e contextos, buscando apreender tanto os significados explícitos quanto os latentes que permeiam as práticas educativas e corporais dos alunos (Chizzotti, 2003).

Optou-se também pelo estudo etnográfico, método que, conforme André (1995), permite a investigação detalhada de fenômenos educacionais, valorizando suas particularidades por meio da observação, coleta e descrição sistemática. As narrativas foram adotadas como método investigativo, alinhadas à concepção de Bruner (1997, p. 41), que ressalta a função das narrativas como forma pela qual “as pessoas organizam sua experiência no mundo social, seu conhecimento sobre ele e as trocas que com ele mantêm”.

Para a coleta dos dados, utilizam-se observação participante, diário de campo, entrevistas semiestruturadas e registros fotográficos. Ademais, é importante destacar que esta pesquisa já foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, o que permitiu o início das atividades de campo com segurança e respeito às normas éticas vigentes.

RESULTADOS





A pesquisa conta atualmente com dados parciais oriundos do trabalho de campo realizado em uma escola quilombola localizada na cidade de Jequié, Bahia. Durante as observações, identificou-se que a escola promove práticas educativas centradas no corpo e no movimento, tais como oficinas, atividades esportivas, destacando-se a capoeira, teatro e jogos coletivos. Essas práticas configuram-se como espaços privilegiados para a valorização e vivência da cultura quilombola.

Importa salientar que, por tratar-se de uma pesquisa de cunho etnográfico, o trabalho de campo permanece em andamento. Ainda assim, os dados preliminares já demonstram contribuições relevantes para o alcance dos objetivos propostos, evidenciando de que maneira os movimentos corporais dos estudantes do Ensino Fundamental II têm sido vivenciados nessa escola quilombola e como têm potencializando suas raízes culturais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao contrário da tradição cartesiana que separa corpo e mente, privilegiando a cognição em detrimento das experiências corporais, este estudo busca problematizar a persistente marginalização do corpo no cenário educacional. Ressalta-se a urgência de práticas educativas que fomentem e integrem os movimentos corporais como expressões legítimas de pertencimento cultural e de construção de saberes. Corpo, cultura e educação configuram-se como dimensões interdependentes que se entrelaçam no processo formativo dos estudantes.

Nesse sentido, propõe-se deslocar o corpo do lugar do silêncio, da contenção e da subordinação, reconhecendo-o como agente ativo na experiência educativa, sobretudo no contexto de uma escola quilombola. Tal deslocamento implica repensar a educação a partir de uma perspectiva que compreenda o corpo como espaço dinâmico de vivências, relações e sentidos, cuja presença desafia práticas educativas que invisibilizam suas múltiplas dimensões.

Ainda que o recorte empírico da pesquisa esteja situado no contexto quilombola, a reflexão proposta ultrapassa essa especificidade para problematizar, de forma mais ampla, a maneira pela qual o corpo, enquanto portador de culturas, tem sido reconhecido, ou frequentemente negado, no ambiente escolar. Cada corpo carrega modos de existência



que exigem escuta, acolhimento e legitimação crítica. Este trabalho, portanto, não se limita ao corpo quilombola, mas se estende a todos os corpos que reivindicam presença, porque toda cultura que vive em um corpo tem o direito de existir também na escola.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli Eliza. **A etnografia da prática escolar**. Campinas, SP: Papirus, 1995.

ANTONACCI, Maia Antonieta. **Memórias ancoradas em corpos negros**. São Paulo: EDUC, 2013.

BAHI DE SOUZA, Amanda Cristina. O CORPO COMO TERRITÓRIO E LUGAR A PARTIR DA PERSPECTIVA DE QUILOMBOS. **Para Onde!?**, Porto Alegre, v. 19, n. 1, 2025. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/paraonde/article/view/145292>. Acesso em: 28 jul. 2025.

BRUNER, Jerome. **Atos de significação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997[1990].

CHIZZOTTI, Antonio. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. **Revista Portuguesa de Educação**, Braga, v. 16, n. 2, p. 221–236, 2003..

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 2017.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

NASCIMENTO, Beatriz. **Beatriz Nascimento, Quilombola e Intelectual: possibilidades nos dias da destruição**. São Paulo: Editora Filhos da África, 2018.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. “Qual o lugar do corpo na educação? Notas sobre conhecimento, processos cognitivos e currículo.” **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 91, p. 599–615, maio/ago. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/t5CV6czxDQfbXBJ9xNCmgjj/>. Acesso em: 8.maio. 2025.

REIS, Diego dos Santos. Corpo-documento: um ensaio para descolonizar memórias. **Interritórios**, v. 8, n. 16, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/interritorios/article/view/253338>. Acesso em: 26 jul. 2025.

RIBERA, Jordi Planella. **Corpo, cultura e educação**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2017.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, quilombos: modos e significações**. Brasília: INCTI/UnB, 2015.

TRASFERETTI, José Antonio. Corpo e Cultura No contexto da sociedade brasileira. **Comunicação & Informação**, Goiânia, Goiás, v. 11, n. 1, p. 126–137, 2009.

